

EUCLIDES DA CUNHA: POR UM CENTENÁRIO COM DIGNIDADE

Henrique Novak

O ano que agora começa será marcado, no plano cultural, pelo centenário da morte de Euclides da Cunha ocorrida na manhã de um domingo, em 15 de agosto de 1909, quando foi morto a tiros pelo amante de sua esposa, o tenente Dilermando de Assis, no número 214 da Estrada Real de Santa Cruz, na Piedade, subúrbio do Rio de Janeiro.

Para quem ainda se lembra, em 1959, por ocasião do cinquentenário do mesmo acontecimento, São Paulo liderou as homenagens ao escritor com a realização de conferências e exposições que atraíram grande público e foram motivo de farto noticiário na imprensa. O grande impulsionador desse evento foi o escritor Paulo Dantas, que com seu entusiasmo euclidiano conseguiu criar uma corrente de motivação que tornou possível suplantar todos os obstáculos que a responsabilidade nos impunha. Na realidade, no começo, quando Dantas demonstrou sua intenção de comemorar o cinquentenário, éramos apenas nós dois a imaginar como e o que fazer. Como eu tinha maior facilidade de planejamento, preparei a linha geral da idéia que era a realização de uma grande exposição sobre a vida e a obra de Euclides da Cunha em São Paulo. Para sua realização da exposição contamos então com a valiosa colaboração da Casa Euclidiana de São José do Rio Pardo, dirigida por Edgar Ortiz.

Recebemos, sob empréstimo, peças do acervo da Casa e mais outras que foram obtidas com colecionadores particulares em São Paulo. Realizamos então, na Livraria Astréia, em junho de 1959, com discurso oficial de abertura de Carlos Rizzini, a primeira exposição, que posteriormente, em agosto, foi transferida para a Livraria Francisco Alves, dirigida por Lélío de Castro Andrade, na Rua Líbero Badaró, onde Paulo Dantas era editor de uma coleção de livros que revolucionou o meio literário da época. O assunto das exposições esteve no noticiário constantemente, ultrapassando as fronteiras de um acontecimento cultural. A idealização, organização e coordenação do cinquentenário em

São Paulo foi responsabilidade única de Paulo Dantas e minha. Percebemos, no entanto, que havia necessidade de criarmos uma cobertura institucional para o evento, para que ele deixasse de ser uma iniciativa pessoal e adquirisse uma personalidade coletiva.

Foi aí que criamos, já em maio de 1959, o Centro Euclidiano de São Paulo e convidamos Francisco Pati para presidente, Paulo Dantas foi o vice e eu o secretário geral. Faziam parte da Diretoria, Edgar Ortiz, Herculano Pires, Luis Ernesto Machado Kawall, Audálio Dantas, Hélio Damante, Lélío de Castro Andrade, Maurício Loureiro Gama, Francisco Marins, Edgar Koetz, J.P. Leite Cordeiro, Vinícius Stein, Honório de Sylos, Américo Bologna, Luís Silveira, Judas Isgorogota, Afonso Schmidt, Leonardo Arroyo, Carlos Burlamaqui Kopke e Túlio de Lemos. O Centro Euclidiano de São Paulo durou o tempo necessário para dar suporte aos eventos do cinquentenário. Depois, entrou em declínio. Anos mais tarde, parte de seus diretores passaram a integrar o Centro de Estudos Euclides da Cunha de São Paulo, fundado em 6 de agosto de 1980, em sessão realizada na Academia Paulista de Letras, sob a presidência de Francisco Marins. Sua primeira diretoria tinha como presidente Oswaldo Galotti; 1º vice-presidente, Osmar Pimentel; 2º vice, Márcio José Lauria; 1º secretário, Moisés Gicovate; 2º secretário, Genésio Pereira Filho; 1º tesoureiro, Luiz Bittencourt; 2º tesoureiro, Emerson Oliveira Ribeiro e como bibliotecária, Amélia Trevisan. O Centro de Estudos Euclides da Cunha de São Paulo sobrevive, após 28 anos e se mantém ativo, ainda que sem a mesma força, mas com o mesmo entusiasmo e empenho, liderando as atividades euclidianas na Capital.

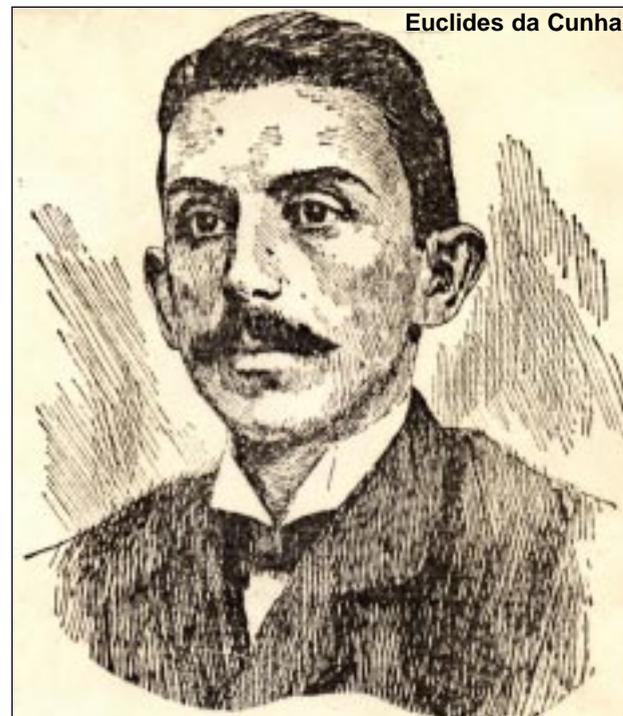
Entramos em 2009 sob a perspectiva de uma crise financeira mundial. Orçamentos e previsões de investimentos são revistos. Não é hora de gastar. E isso não é bom para a cultura que é sempre a primeira a sofrer cortes. Sob essa visão pouco animadora tentamos imaginar o que será possível realizar para marcar dignamente o centenário da morte de Euclides da Cunha. A Casa Euclidiana de São José do Rio Par-

do (cidade onde Euclides escreveu "Os Sertões") que por tradição comanda a realização de eventos que marcam datas especiais relacionadas ao escritor, tem nova direção a partir deste mês. Caberá ao titular da entidade definir o plano de ação para a data e estruturar a logística necessária. O que sabemos, desde já, é que, como sempre, a entidade opera com recursos oficiais (financeiros e humanos) escassos e sobrevive, em parte, de doações de última hora da iniciativa privada. Essa é uma dificuldade que, no entanto, terá que ser superada.

A Academia Brasileira de Letras, sob comando de Cícero Sandroni, que acaba de ser reeleito presidente, já declarou 2009 como o "Ano Euclides da Cunha" e pretende montar uma grande exposição em homenagem ao escritor além de realizar um ciclo de palestras. Na cidade natal de Euclides, Cantagalo, no Estado do Rio de Janeiro, já, desde agosto de 2008, está em organização o Seminário Internacional "100 anos sem Euclides", que será realizado entre 25 e 27 de setembro.

Márcio José Lauria, um dos mais importantes e ativos euclidianos brasileiros, publicou em 9 de dezembro de 2008, no "Democrata" de S. José do Rio Pardo, sob o título "Responsabilidades rio-pardenses em 2009" um dramático alerta, do qual destacamos alguns trechos:

"Sob o ponto de vista cultural, a Semana Euclidiana de 2009 precisará ter particular brilho, para isso se tornando indispensável assegurar-se, desde logo, a presença de nomes significativos do euclidianismo nacional e internacional. Tem cabimento a instituição de um concurso, com atraente premiação e de âmbito nacional, sobre um tema abrangente, como Euclides da Cunha e São José do Rio Pardo. Para isso, suas bases deveriam ser lançadas o mais tardar em fevereiro, para atrair bom



Euclides da Cunha

número de candidatos e para que a proclamação dos resultados de seu julgamento se dê na *Semana Euclidiana de 2009*." Lauria, finaliza, mais adiante: "Tudo ainda estará em tempo se a nova administração municipal, tendo escolhido quem vá dirigir a Casa de Cultura, se propuser a queimar etapas e a solicitar o empenho de quantos possam colaborar no sentido do êxito de uma realização que esteja à altura do que se espera de São José do Rio Pardo em matéria de euclidianismo. Indispensável a congregação de todas as forças vivas da cidade e a convocação de universidades, imprensa, televisão, academias de São Paulo e do Brasil para se dar ao centenário da morte de Euclides o brilho e a projeção que condigam com a importância do grande escritor na literatura e na cultura do País." Apoiados, integralmente, o apelo de Márcio José Lauria e esperamos que suas palavras motivadoras surtam efeito e seja possível mobilizar as consciências para que Euclides da Cunha receba as homenagens que merece.

Em tempo: o dia 20 de janeiro marca a passagem do 143º aniversário de nascimento do autor de "Os Sertões".

Henrique Novak é presidente do Centro de Estudos Euclides da Cunha de São Paulo.

Editorial



Resolvemos adotar, gradativamente, as normas do *Novo Acordo Ortográfico* com o objetivo de manter um padrão jornalístico uniforme.

A decisão tomada é porque temos artigos e textos de colaboradores escritos com as normas antigas e não podemos alterá-los sem a autorização dos autores; porque existem livros para serem noticiados, lançados no final do ano passado, que também não estão de acordo com as novas alterações ortográficas.

Outro motivo é que ainda não estarmos com nossos computadores atualizados.

Entretanto nossos leitores poderão se informar e aprender as regras do *Novo Acordo Ortográfico* na coluna *Vestibular & Concur-sos*, da professora Sonia Adal da Costa, na página 5.

Nesta edição, a professora Sonia mostra as novas regras dos acentos diferenciais, dos agudos em ditongos abertos e do circunflexo de palavras paroxítonas terminadas em “eem” e “oo”. Nas próximas edições serão apresentadas outras regras da *Nova Ortografia*.

Aproveitamos o espaço deste editorial para lembrar que *Linguagem Viva*, em setembro, completará 20 anos de circulação ininterrupta.

Rosani Abou Adal

Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 48,00

Assinatura Semestral: R\$ 24,00



Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902
São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 2693-0392
E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - Site: www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 – São Paulo – SP – 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal – Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 – CCM: 96954744 – I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*
R Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, caricatura e logo do jornal de Xavier - www.xavi.com.br
Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade dos clientes.

Nossos Demônios

Rodolfo Konder

Vi o presente João Goulart pela terceira e última vez ao me despedir dele, em Montevidéu. Logo, eu iria atravessar clandestinamente a fronteira com o Brasil, em Rivera e Santana do Livramento, orientado pelo ex-deputado Demistócles Batista. O ex-deputado e eu fomos encontrar o presidente numa praça central da capital uruguaia, onde o abracei. Ele me desejou sorte. “Estaremos esperando a sua volta”, eu disse sem muita convicção.

Estivera com ele meses antes, em Brasília. Éramos três dirigentes sindicais – Fernando Autran, Cid Salgado e eu – que o procurávamos em nome de todos os sindicatos de petroleiros do país. Lembro-me de que o presidente entrou na sala furioso, mancando e esbravejando: “você só vêm aqui para me ameaçar. Isso é intolerável. Sou o Presidente dos trabalhadores, sempre dei força aos sindicatos, mas vocês estão me pressionando, isso eu não admito mais.”

“Presidente”, respondeu Autran, “não viemos aqui para pressioná-lo, nem para polemizar.” Na verdade, os sindicatos queriam negociar com ele a substituição do presidente da Petrobrás, Francisco Mangabeira. “Entendemos perfeitamente”, prosseguiu Autran, “que o senhor queira colocar alguém da sua confiança na presidência da empresa...” Jango se acalmou. Sorriu. “Vamos nos sentar aqui”. Sentamo-nos num sofá de couro, ele se acomodou numa poltrona, uma perna esticada. “Manda vir um café”, gritou para um assessor parado junto à porta. Autran retomou a palavra: “Mas gostaríamos que os diretores fossem quadros de comprovada capacitação técnica, saídos das fileiras da Petrobrás – e indicados pelos sindicatos.” O presidente puxou um bloco de papel que estava sobre a pesada mesa de centro, tirou uma caneta do bolso e perguntou: “quais são os nomes?”

Naquele momento, nascia um sistema de co – gestão na maior empresa da América Latina – uma experiência de vida curta. E eu tinha meu primeiro encontro com o presidente João Belchior Marques Goulart, o Jango, então com 46 anos, herdeiro político Getúlio Vargas.

Estive com ele uma segunda vez, depois do golpe militar que o destituiu, numa reunião de exilados, em Montevidéu. Era um derradeiro esforço que empreendíamos – os dirigentes bancários Osmildo Stafford e Humberto Pinheiro, e eu – para tentar unir os brasileiros que ali viviam. Participaram do encontro: o presidente Jango, o ex-governador Leonel Brizola, Darci Ribeiro, Waldir Pires, Demistócles Batista, Moniz Bandeira, Stafford, Humberto e outros políticos, cujos nomes agora me fogem. Nossa iniciativa resultou num fiasco total. As posições moderadas de Jango, um homem habitualmente conciliador, esbarravam nas propostas radicais de Brizola, que pretendia provocar um levante da Guarda Militar Gaúcha, para retomar o Rio Grande do Sul e enfrentar Brasília. A divisão entre os exilados se manteve. Pior: aprofundou-se.

Jango nunca retornou. Morreu no exílio, em 1976. Filho de fazendeiro, formado em direito, herdeiro de Getúlio, fez carreira política no partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Era um homem profundamente dividido entre sua condição de grande proprietário de terras e sua posição como líder do populismo reformista de Getúlio, entre a permanência e a mudança, entre o conservadorismo e a modernização.

O presidente tinha um sorriso de menino e dormia de luz acesa. Depois de sua morte, fiquei sabendo que ele não gostava de ficar no escuro, à noite. Já separado da mulher, Maria Tereza, dormia sozinho. Mas freqüentemente chamava o amigo Raul Ryff, para que ele se sentasse numa poltrona junto à cama. Os dois conversavam, Ryff lia até tarde – e só ia embora quando Jango estava finalmente adormecido.

Ao conhecer este detalhe significativo da intimidade presidencial, tentei imaginar as angústias que o apossavam, os fantasmas que povoavam as noites de João Goulart. Nem no palácio ele conseguia escapar de seus pesadelos.

E você? O que você vê, quando está no escuro e os demônios chegam?

Rodolfo Konder é escritor e
Diretor Cultural da FMU.

APONTAMENTOS (1)

Fábio Lucas

1. O Real da Literatura

A ciência, a Ética, a Economia e o Direito são formas de redução da complexidade. A Literatura é a mais livre das representações do real, a mais ampla. Aliás chega a criar o seu próprio real, na esfera do mundo simbólico, quando o sentido da vida e das coisas se forma. O real imaginado costuma ser mais impositivo do que o real referenciado, cotidiano.



José Nêumanne Pinto

2. Reforma Ortográfica

Ao ligar sua TV, o telespectador terá à disposição Globo News, Record News, Bandeirantes News, RedeTV News e Gazeta News. O que leva a crer que nenhum programador tenha aberto o dicionário e encontrado, em bom Português, a palavra "Notícias".

3. Aspectos do Mundo Oferecido

Uma das tentações que me assediam constitui realizar um estudo comparativo da coletânea

Trevas no Paraíso - Histórias de amor e guerra nos anos de chumbo (S. Paulo: Geração Editorial, 2004) de Luiz Fernando Emediato, organizada e apresentada por Luiz Ruffato, com o "romance de inventário de amor e desamor", O Silêncio do Delator (S. Paulo: A Girafa, 2004) de José Nêumanne. Ambas as obras contemplam, como pano de fundo, o mesmo Brasil de certa época, aberto (e fechado...) à crise mundial. Os títulos, dedicatórias, epígrafes e outros sinais denunciam as inquietações da mesma geração de intelectuais. As estratégias ficcionais aparentemente são diferentes, mas se assemelham.

Luiz Fernando Emediato, em motivos de protesto e rebeldia, cuida da juventude ferida pelas ditaduras implantadas pelo capitalismo no mundo ocidental. Em outro sentido, José Nêumanne arrola minuciosamente os ecos da efervescente sociedade estadunidense sobre uma das culturas periféricas, o Brasil. As explosões dos *hippies* (cultores de paz e amor ante o complexo industrial-militar), as concentrações do público nos grandes festivais da música popular, os extremos da droga, do sexo e do *rock-and-roll* lá estão, a testemunhar os anos 50 e 60 do século passado. Trata-se da crise da época sob novo ângulo.

Os contos de Luiz Fernando Emediato apresentam uma estratégia experimental própria, muitas vezes mais relatos de situações do que de intriga. Não obstante, há histórias rocambolescas, ou no estilo de Rabelais, de liberação da lin-

guagem obscena. De outro lado, emergem textos discursivos, de protesto. A tortura, um dos instrumentos habituais do poder imposto, inspira momentos de elevada tensão narrativa.

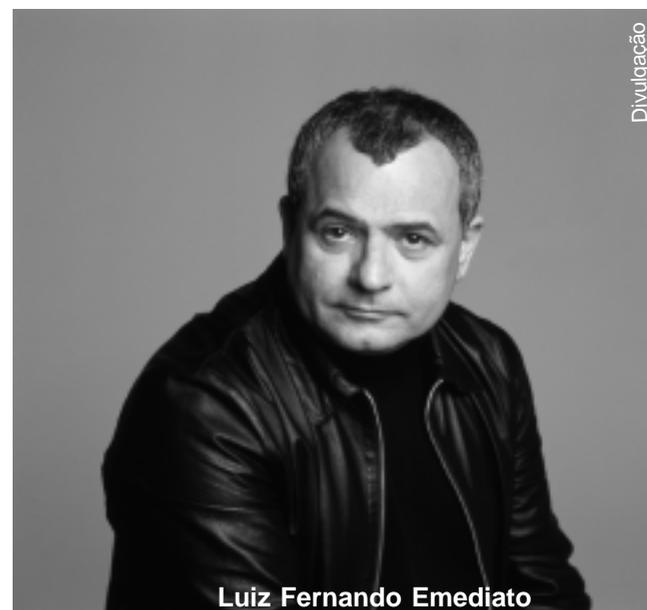
Quanto à ficção de José Nêumanne, nota-se a geração do LSD, da mini-saia, da maconha, do ácido lisérgico, enfim, do prazer ligado ao poder. Em certo instante, o leitor confronta-se com algumas concepções do orgasmo. Todo o romance constitui um vulcão de informações, de visitas aos meios de comunicação de massa, ocorrendo aqui e ali alguns erros históricos.

No meu projeto de análise, verificar-se-iam ramificações. Por exemplo: Trevas no Paraíso contém dedicatória, entre outros, a Jefferson Ribeiro de Andrade que, por sua vez, publicou surpreendente obra de ficção: Nunca seremos felizes (Belo Horizonte: Soler Ed., 2007), de cunho autobiográfico, inserido na atmosfera de protesto e rebeldia da mesma geração.

Mais recentemente, tive em mãos um romance do escritor português Cunha de Leiradella, Cinco Dias de Sagração (Rio de Janeiro: Ed. Record, 1999).

Ficcionista experimentado, natural da Serra do Gerês, registrou em vários textos a região de convívio com raposas, lobos, pastores e contrabandistas.

Admirável escritor, não se limitou ao romance. Entregou-se ao teatro, quando residiu no Rio e foi cofundador do Tuca-Rio e aproximou-se de Maria Clara Machado no Teatro Tablado. Mais tarde, Cunha de Leiradella transferiu-se para Belo Horizonte. Ambas as cidades brasileiras aparecem em Cinco Dias de Sagração.



Luiz Fernando Emediato

O que seria uma novela de amor durante o período salazarista, de triste memória, se transforma num gigantesco testemunho de jogos, disfarces e desencontros na vida de um escritor impossibilitado de desfrutar de sua liberdade. Portanto, de viver, amar e exprimir-se.

Raras vezes os embargos da existência afetiva estiveram tão à mostra num trabalho de ficção em língua portuguesa.

Cunha de Leiradella alinha-se à legião de escritores inconformados com a brutalidade

da ditadura, tal como ocorreu com Luiz Fernando Emediato, José Nêumanne e Jefferson Ribeiro de Andrade. O escritor português, cuja personagem transita entre Portugal, África e Brasil, teve como foco a ditadura de Oliveira Salazar. Emediato, Nêumanne e

Jefferson exploraram a situação conturbada do Brasil sob o regime militar. Seria o caso de se dizer: cá como lá más fadas há. As respostas literárias é que diferem, cada qual com seu estilo.

Fábio Lucas é escritor, crítico literário e membro da Academia Paulista de Letras.

LIVRARIA BRANDÃO

Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.lusedbookshop.com.br

REFLEXOS POÉTICOS

Paulo Veiga

Os meus modestos conhecimentos literários, pela primeira vez, depararam com um jardim de poesias ecléticas oferecido pela inspiração e criatividade de Maria de Lourdes Alba.

Há nas poesias um labirinto que o leitor entra pela porta da imaginação, segue o túnel melíflu de palavras e, iluminado, volta encantado, mas encontra outra porta, a de provérbios poéticos. É o id com profunda inspiração e o ego confirmador da verdade. Confira-se, pois, na página 14, "Sedução":

A sedução se faz num momento (profundo id)

A lembrança se faz eterna (confirmação decretada)

Para assimilar a doçura do diálogo entre a inspiração e a confirmação, o leitor há de sentir o fundo da poesia, há de estar também inspirado para não se perder no doce labirinto, pois reza em "Desejo", página 17, tem de saber desejar, sonhar mesmo desavisado, saber amar, mas sem abusar da sorte. Há de saber interpretar, pois são versos de uma criatividade muito pessoal da poeta sem paradigmas.

A aglutinação de pequenas estrofes, mas de grande beleza, traz no bojo variados princípios filosóficos. Como no meu entender a Filosofia está em todos na alma, e tem como segmento mestre a Lógica subdividida em material e formal, além da Psicologia, agora destacada como ciência independente, mas como é, em pobre conceito, o estudo da alma, é ciência para análises da poesia. Com feito, pela poesia é possível perceber o estado da alma do poeta. E, nos belos versos da venerável poeta Alba, notamos o seu sereno estado da alma, criadora das poesias no momento em que escrevia.

Se colhermos os versos das estrofes nas partes aforísticas, não há sofismas, pois todas as premissas são verdadeiras que, como dito acima, confirmam o ego, e é o que os filósofos chamam de apodictico. É a verdade evidenciada, demonstrada, incontestável graças às pro-

posições montadas no silogismo. Há, enfim, interrogações que cada leitor tem resposta e, é claro, terá fácil resposta como em o "Vôo", página 33. Em o "Tempo", página 43, bela dedução, pois não temos tempo porque o tempo se consome. Isto é lindo, pois se consome,

mas permanece sem se consumir, apenas oscila nas complexas energias e, nelas, as pessoas divagam durante a vida, amam, sofrem, prosperam, empobrecem, nascem, morrem, enxertam com os Três Venenos: Ira, Apego, Ignorância, que são afirmações do Budismo.

Em o "Horizonte", página 46, que "verga", vemos nele uma das oscilações do tempo, pois o horizonte é fixo,

mas oscila em face da noite, do dia, do sol, do clima. Belo simbolismo que podemos empregar em metáforas quando diz na poesia "Até que o infinito/O sufoque".

Em outra bela indagação a poeta Alba faz em "Agonia", página 48, ao interpelar "Que agonia é esta?" É fuga, não é?

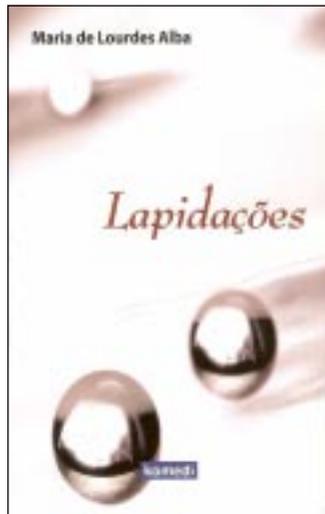
Outro belo pensamento é "Recuperação", página 57, que seriam ou são consolar, sanar com sincero e profundo carinho. Ainda de premissas de alta indagação em "UM", página 59. Liquidou a fome com carinho material, e veio a ingratidão pelo desprezo. É isto?

A filosofia pode ser a perquirição de todos os segmentos materiais e espirituais em que as respostas, originárias das premissas montadas, são todas verdadeiras, compostas em silogismo apodictico.

Todos são poetas, mas a maioria escreve poesias na memória e as recita com o coração; Alba as escreveu no papel para gozo de seus leitores e recitá-las em viva voz.

Sem dúvida, a obra de Maria de Lourdes Alba é de grande criatividade a banhar os leitores com reflexos poéticos, parabéns, Alba!

Paulo Veiga é escritor, autor de cinco obras e acadêmico correspondente da Academia Fortalezense de Letras.



A DECISÃO

Caio Porfírio Carneiro

Parou diante da mureta e ficou olhando o mar sereno a perder-se de vista. Lá longe a linha do horizonte. Correu a vista da esquerda para a direita, da direita para a esquerda. Suspirou. E ficou parado, sem pensar nada, olhando, olhando. Voltou a suspirar, os pulmões plenos de ar, e o cheiro da maresia. Fechou os olhos, neutro, em paz, como se rezasse.

Com o suspirar mais forte saiu do devaneio:

- É isso aí.

Ajeitou a gravata, fechou o paletó, entrou no carro ali próximo estacionado, dirigiu-se para casa.

Encontrou-a bem vestida, abrindo e fechando gavetas e móveis.

Ao vê-lo, encarou-o com rancor:

- Você teve coragem de voltar?

Vou-me embora, já me decidi. Chega. Estou levando só o que é meu.

Ele encaminhou-se para o quarto, trancou-se. Logo voltou e ainda pensou em dirigir-lhe algumas palavras. Mas tudo já fôra dito. Ela continuava a abrir e fechar gavetas, guarda-roupa, objetos sobre a cama. Ele retornou ao carro, ouvindo ainda:

- Só volte quando eu não estiver mais aqui. Não vai demorar muito.

Entrou no carro e voltou a ficar de pé junto à mureta, o mar sereno à sua frente. Lá longe a linha do horizonte. Correu a vista da esquerda para a direita, da direita para a esquerda. Respirou fundo o ar acariciante que chegava com cheiro de maresia. Fechou os olhos e postou-se como se rezasse.

O velho mendigo, ali perto, virou-se assustado com o estampido.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, crítico literário, romancista, novelista, contista, jornalista e historiador.

Haicais de Teruko Oda

1.

Tem cheiro de festa
na cozinha da vovó —
Pamonhas ... pamonhas!

2.

Ah, morros da infância —
Pipas colore o céu
como antigamente.

3.

Noite na metrópole —
A solidão do poeta
que contempla a lua.

4.

Manhã de sol —
A sombra da libélula
sobre a poça d'água.

5.

Outono avançado —
No tronco da árvore sem flor
coração talhado.

**Teruko Oda é escritora,
professora e membro do
Grêmio Haicai Ipê.**

Especializada em importação
direta de livros portugueses.



Prazo de entrega:
15 dias.

Livros de todas as áreas de
editoras portuguesas, Cds,
artesanato e galeria de arte.

Desconto de 10% para advogados, juristas,
professores e estudantes.

Galeria Louvre, loja 20 - Av São Luís, 192 Centro - São Paulo -SP

E-mail: coimbramartins@uol.com.br

Tel.: (11) 3120-5820 - Telefax: 3258-9105

CAPITU REVISITADA

Ely Vieitez Lisboa

As séries da TV Globo são, comprovadamente, ricas, atraentes, bem cuidadas, o que há de melhor no gênero. "Capitu", minissérie em cinco capítulos, foi ao ar de 09 a 13 de dezembro de 2008. Criou-se grande expectativa por ser a adaptação do mais famoso livro de Machado de Assis, *Dom Casmurro*, pela criação, direção experiente e ousada de Luiz Fernando de Carvalho. O texto foi adaptado pelo conhecido Euclides Marinho e os papéis principais vividos por nomes novos na televisão: Michel Melamed, artista de teatro, vinte e oito anos, escritor, poeta e roteirista de cinema. Apresentando Letícia Persiles, vocalista da banda Manacá (rock), escolhida por sua semelhança com Maria Fernanda Cândido, a Capitu adulta, ambas belas, com os expressivos "olhos de ressaca" e de "cigana oblíqua e dissimulada"; ela viveu uma jovem Capitu leve, solta, talvez muito mais ousada que a do livro.

Desde a abertura da minissérie, já se constataram qualidades muito bem definidas: não seria uma adaptação histórica de época, mas com roupagem barroca e pop. Realçaram-se a fragmen-

tação, superposição de planos, narrativa truncada com cortes que eliminaram a cronologia, a perspectiva, com muitas faces do mesmo objeto, cenas sobrepostas, decompostas. A técnica lembra muito o cubismo e a arte pós-moderna.

Ao mesmo tempo, Euclides Marinho amarra o texto com fidelidade à obra de Machado, mantendo o narrador onisciente e onipresente (Dom Casmurro); a ruptura temporal, a ausência de limites é completa. Enfatize-se, no primeiro capítulo, a cena da comunicação de Bentinho menino e Dom Casmurro, em uma alusão provável ao famoso quadro "Criação do Homem", de Michelangelo, na Capela Sistina.

Tudo é teatro, no cenário às vezes ausente ou desenhado com giz, como o cachorro no famoso filme *Dogville*, parábola moral dirigida por Lars von Trier. O roteiro musical é de Tim Rescala, com músicas de gêneros totalmente misturados, desde modinha popular, à ópera ou blues. A montagem teatral ousada passa ao telespectador a mensagem do universalismo. da grandeza e da atualidade da obra *Dom Casmurro*.

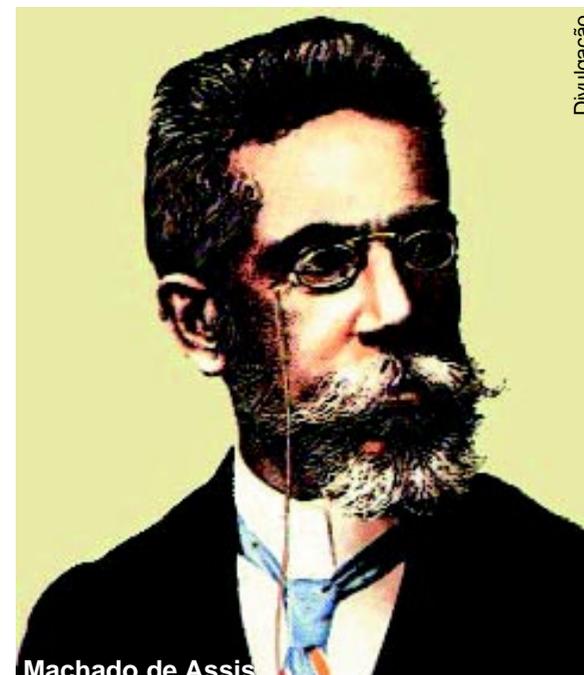
No terceiro capítulo surge Escobar, o vilão, companheiro de seminário de Bentinho. Ele é um homem belo e sedutor. A adapta-

ção tão rica e original peca, às vezes, por excesso. Mostrar um Escobar atraente, de olhos dulcíssimos, tem coerência. Por que, no entanto, fazer dele exímio dançarino, em insinuante dança sobre a mesa? A hipótese da homossexualidade de Bentinho já foi explorada e não muito bem aceita nos meios literários. Aliás, falando-se em exagero, a personagem de prima Justina é grotesca, ao passo que Eliane Giardini, como dona Glória, é excelente.

Há cenas antológicas em toda a minissérie, como a caracterização libidinosa de Bentinho com as prostitutas. No penúltimo capítulo surge Capitu adulta, com a beleza deslumbrante de Maria Fernanda Cândido. Esteticamente é uma das cenas mais belas já vistas na televisão.

Em um balanço final, a minissérie é uma obra de arte, mas há uns arrosos de mau gosto. Por que Dom Casmurro atendendo um celular? E sua caracterização final, com um enorme brinco? Em compensação, o afogamento de Escobar é surrealista. As cenas do enterro são perfeitas. A metáfora recorrente da ressaca marítima, denotativa e conotativamente é expressiva, mas um tanto redundante.

O epílogo é excelente, bem cuidado, muito fiel ao livro, como no capítulo *A xícara de café*, quando Dom Casmurro, alucinado pela possível traição de Capitu, pensa em suicídio. Pouco antes, influenciado pela peça *Otelo* (na minissérie, na tela de cinema), nosso herói resolve que é Capitu que deve morrer. Logo após, tenta assassinar



Machado de Assis

Divulgação

Ezequiel, em um quadro muito dramático.

Uma das polêmicas literárias mais famosas é se Capitu traiu Bentinho, ou se todas as provas diante da semelhança de Ezequiel com Escobar não seriam alucinações alimentadas pelo ciúme de Dom Casmurro, que narra a história, que argumenta. A minissérie foi fiel às pretensas provas do narrador, porém deixou no ar a dúvida, como no romance e, por isso, tão moderno e atual.

Antes da última cena, tão esdrúxula, um Rio moderno ao som de um samba, realçou-se a verdade sábia sobre Capitu, muito mais mulher do que Bentinho era homem, a menina e a adulta: "... uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca". Enfim, a minissérie Capitu teve poucos escorregões e acertos notáveis. Um dos trabalhos mais belos da televisão brasileira.

Ely Vieitez Lisboa é escritora, professora e Mestre em Letras e Semiótica e Estudos Literários. E-mail: elyvieitez@uol.com.br

Vestibular & Concursos

Sonia Adal da Costa

Acentos

Novas Regras

O acento diferencial desaparece em quase todas as palavras, exceto em por (preposição e pôr verbo), pôde passado e pode presente.

Antes como fica

Pára - O trânsito para
Pêlo - O pelo do galo é macio.
Pólo - Faz frio no Polo Norte.
Pêra - Gosto de pera.

Desaparece o circunflexo nas paroxítonas terminadas em "eem" e "oo".

Ex.: Eles leem.
Eles pegaram o voo.

Continua o acento em: eles têm e eles vêm (verbo vir).

O acento agudo desaparece nos ditongos abertos ei e oi.

Antes Como fica

Heróico - heroico
Idéia - ideia



Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em *Teatro Infante-Juvenil* pela Universidade de São Paulo. portsonia@ig.com.br

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64
São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

Edith Modesto: uma voz contra o preconceito

Angelo Mendes Corrêa

Professora universitária, doutora em Semiótica pela Universidade de São Paulo, além de autora de vários livros que se tornaram campeões de vendas entre o público jovem, Edith Modesto nos mostra que sempre vale a pena a luta contra o preconceito.

Fundadora da ONG GPH - Grupo de Pais de Homossexuais – lançou, recentemente, “Vidas em arco-íris”, pela Editora Record, uma coletânea organizada a partir de 89 depoimentos de homossexuais, trabalho pioneiro na área, um verdadeiro mapeamento da condição homossexual no Brasil.

Abaixo, um pouco do pensamento e da trajetória dessa intelectual, cuja fibra e seriedade parecem inesgotáveis, em entrevista a Angelo Mendes Corrêa.

De onde a idéia de fundar o GPH - Grupo de Pais de Homossexuais?

Quando eu soube da homossexualidade do Marcello, meu filho caçula, eu me desesperei. Eu não tinha conhecimento dessa possibilidade natural e espontânea do ser humano. A idéia de conversar com outras mães me veio por acreditar que, assim, eu me sentiria melhor. Era a estratégia da identificação com os iguais. Funcionou e continuei com o grupo, agora uma ONG, para ajudar também outros pais. Apesar de os pais saírem do grupo quando já se sentem bem, temos atualmente em torno de 200 pais e mães associados ao grupo, do Brasil todo.

Seu livro “Vidas em arco-íris” surgiu das experiências que vivenciou no GPH?

Não. O livro surgiu das entrevistas que fiz ao vivo com 89 homossexuais, homens e mulheres, de 14 a 62 anos. Penso que ninguém melhor do que eles para falar deles mesmos. Hoje sei que a pesquisa durante cinco anos para escrever o livro foi um dos recursos que encontrei para aceitar o meu filho.

Quais os aprendizados mais significativos que teve ao longo de seu trabalho no GPH e durante a elabora-

ção do “Vidas em arco-íris”?

Eu me reinventei. Tenho certeza de que hoje sou uma mulher muito melhor do que antes. Aprendi a aceitar as diferenças e, conseqüentemente, sou mais solidária e bem menos preconceituosa.

Em que sentido a situação dos homossexuais brasileiros progrediu, sobretudo de uma década para cá, e que caminhos ainda precisamos percorrer para alcançar as conquistas que os homossexuais de vários países europeus já obtiveram?

Há alguns meses, o GPH lançou o Projeto Purpurina, um trabalho com adolescentes e jovens homossexuais. Os objetivos principais do trabalho são que eles encontrem seus iguais, façam amigos, conversem sobre assuntos de seu interesse e aproximem-se de seus pais. No próximo ano, pretendemos oferecer-lhes oficinas profissionalizantes, se obtivermos verbas. Hoje, garotos e garotas, de 14, 15 anos, já se aceitam como homossexuais. Há poucos anos isso seria impossível! O Projeto Purpurina só foi possível porque hoje os gays se reconhecem como são muito mais cedo e com mais facilidade e têm mais apoio e mais incentivo para terem uma boa autoestima. De uma década para cá, fizemos grandes avanços, embora ainda haja um longo caminho a percorrer.

A partir das entrevistas que realizou para “Vidas em arco-íris”, é possível afirmar que os homossexuais brasileiros, em sua maioria, têm consciência de sua condição, estão preparados para novas empreitadas em busca de mais visibilidade?

Só o fato de terem vindo ao meu escritório abrir seus corações, com tanta coragem, já mostra que os homossexuais estão tentando se tornarem mais visíveis. de qualquer modo, há ainda um grande trabalho a se fazer nesse sentido. Penso que a auto-estima deles ainda não é adequada a grandes empreitadas. Mas o processo já começou e está cada dia mais acelerado.

Como avaliar o resultado de pesquisa recentemente divulgada por

um programa televisivo da GNT, segundo o qual 89% da população brasileira não vêem como algo normal a homossexualidade?

Eu acho pesquisa um instrumento que requer muitos cuidados para que os resultados não sejam deturpados e não sei como essa foi feita. Por isso, me abstenho de comentá-la. As pessoas têm a intuição de que a diferença é a norma do mundo, mas não se lembram disso quando o assunto é a sexualidade. Muitas vezes o que atrapalha está em outra área. Por exemplo, todo mundo tem medo do que desconhece. Talvez o problema seja o desconhecimento sobre sexualidade, principalmente.

Em que sentido a mídia brasileira tem contribuído positiva ou negativamente para o debate sobre a homossexualidade?

Eu acredito que a mídia acompanha as mudanças sociais, não as inicia. Nesse caso, a mídia mostra como as coisas têm melhorado, mas nem tanto. Por exemplo, o casal gay da novela atual é muito certinho, cheio de qualidades e nenhum defeito. Esse é o tipo de gay e de relacionamento homoafetivo que a população já consegue aceitar.

A religião ainda exerce um papel determinante para o reforço de valores preconceituosos em relação aos homossexuais?

Certamente. As mães evangélicas são as que mais sofrem. Conseqüentemente, fazem seus filhos sofrer mais.

Quais os preconceitos mais recorrentes enfrentados pelos homossexuais brasileiros e o quanto esses preconceitos contribuem para a marginalização, para a formação de guetos?

Quando se pensa em homossexualidade, ainda soltam-se os demônios. As pessoas ainda acreditam que a homossexualidade é uma opção, uma escolha. Assim, a homossexualidade ainda está muito relacionada ao negativo: pessoas com desvio de caráter e/ou sérios problemas psicológicos. os jovens ainda têm



Edith Modesto

medo de não serem aceitos por seus pais e muitos levam uma vida paralela, sem apoio, nem modelos positivos.

Estarão os travestis condenados à discriminação até mesmo por parte dos demais grupos de homossexuais? Como analisar a situação desse grupo em nossa sociedade?

A ignorância acerca das questões da identidade de gênero é imensa, mesmo dentro da comunidade homossexual. Os homossexuais, assim como os heterossexuais, tiveram esses preconceitos introjetados desde o seu nascimento. As pessoas travestis, assim como transexuais e transgêneros, sofrem muito. O apoio médico e psicológico para essas pessoas no Brasil também é muito precário. Principalmente as travestis são muito desrespeitadas e empurradas para a prostituição e marginalidade. Isso é muito triste.

Novos projetos de livros nos moldes do “Vidas em arco-íris” e algum novo projeto em andamento pelo GPH?

Meu novo livro – “Mãe sempre sabe? Mitos e verdades sobre pais e seus filhos homossexuais” – vai sair pela Editora Record e seu lançamento será no primeiro semestre do ano que vem. O Projeto Purpurina, com apenas quatro meses, tem feito muito sucesso, é o mais novo empreendimento do GPH - Associação Brasileira de Pais e Mães de Homossexuais, a primeira do gênero no Brasil.

Angelo Mendes Corrêa é escritor e Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo.

Prof. Sonia

Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br

Revisão

Digitação



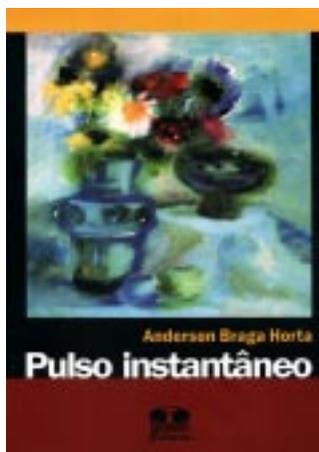
Moda Belíssima

Roupa Européia

Tel.: (11) 3129-9511 com qualidade e elegância.

Av. São Luís, 192 - Loja 22 - São Paulo - SP - 01046-000

Livros e Lançamentos



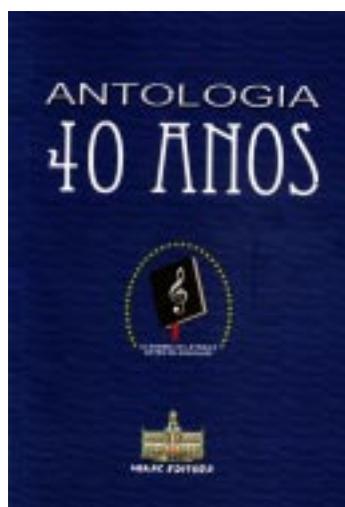
Pulso Instantâneo, contos de Anderson Braga Horta, Thesaurus Editora, Brasília, DF, 144 páginas, R\$ 30,00. O autor é poeta, escritor, crítico literário e membro da Academia Brasileira de Letras. A obra, ilustrada pelo capista Momchil Stoyanov, reúne contos que são bem lapidados na linguagem. Apresenta treze textos de *Contos Passageiros* que foram laureados com o *Prêmio Machado de Assis*, da Guanabara, em 1996.

Thesaurus Editora: www.thesaurus.com.br
Tel.: (61) 3344-3738.

O Seqüestro do Senhor Empresário, romance de Levi Bucalem Ferrari, UBE/Scortecci, São Paulo, 188 páginas, R\$ 25,00. O autor é escritor, professor, sociólogo e presidente da União Brasileira de Escritores. A obra, que foi laureada com o *Prêmio Melhores do Ano – Autor Revelação*, da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), é repleta de suspense erotismo e violência e tem como pano de fundo um painel político e psicossocial dos anos 60 e 70.



Livraria Asabeça: Tel.: (11) 3031-3956
www.asabeça.com.br

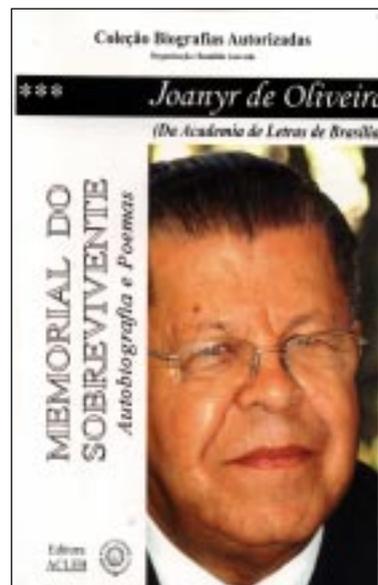


Antologia 40 Anos, contos e poesias da Academia de Letras e Artes de Araguari, Minas Editora, Araguari, MG, 180 páginas. A Academia de Letras e Artes de Araguari é presidida por Gessy Carísio de Paula. A obra reúne trabalhos dos autores classificados, nas categorias Contos e Poesias, em primeiro e segundo lugares e com Menções Honrosas no *XXIX Concurso Nacional de Contos e Poesias Abdala Mameri – 2008*, que foi promovido pela academia. O livro também abriga a biografia de Abdala Mameri que foi um dos fundadores da Academia.

Minas Editora: (34) 3246-0093
www.minaseditora.com

Memorial do Sobrevivente – Autobiografia e Poemas, Joanyr de Oliveira, organizada por Romildo Azevedo, Editora ACLEB, Coleção Biografias Autorizadas, 264 páginas, Brasília, DF. A obra faz parte do *Projeto Memória Acadêmica* da Academia de Letras de Brasília - ACLEB, que é organizada pelo vice-presidente Romildo Azevedo. Joanyr de Oliveira, escritor, jornalista, poeta e advogado, ocupa a cadeira XIII que tem como patrono Manuel Bandeira. O biografado foi um dos fundadores da Academia de Letras de Brasília e da Associação Nacional de Escritores.

ACLEB: Presidente José Carlos Gentili
– SHIN – QL. 2/5/9 – 71510-055 –
Brasília – DF. Tel.: (61) 3468-4414.



DÔ (Caminho)

Lóla Prata

Luas e sóis nos encontram a bordo. Água salgada até onde o olhar divisa. Caminhamos sobre essa água. Lar azul-marinho.

Mitiko, Shira e Yoko, pequenos rebentos de meus ramos, companheirinhas de *tabi* (viagem). Marido de doce espírito caminhante abre as neblinas da tristeza, deitando em nós as sementes de futuro. Enxuga nossas lágrimas com mãos jovens e calosas. Na sua face nada se nota, são como lágrimas nos olhos de peixe.

O tempo malvado traz fome. Traz sede. Traz saudades das ceifeiras, da cabana coberta de palha. Dói. Doeu deixar velho pai e velha mãe.

Estrelas da madrugada mexem-se no ritmo das vagas e das marolas inquietas. Céu dançante que preenche a insônia das cento e sessenta famílias aventureiras, vindas da direção do sol nascente.

O vento toca flauta nos mastros do *Kasato Maru*. O vapor responde com as baforadas fumacentas. O silêncio ardido de cada coração ouve o estranho diálogo enquanto se distraí vendo a lua em banho de mar, vaidosa, se sacudindo como espada em mão de samurai.

Desenho ideogramas na memória de meu *nikki* (diário) de bordo, para não deixar Mitiko, Shira e Yoko esquecerem da saga. Será como *makura-no-kotobá*

(palavras do travesseiro). A gorra valise de nossa roupa, onde descanso a cabeça, dita cada lembrança. Assim, faço *dô* para dentro de mim.

Pequenos rebentos querem liberdade, mas não podem correr. Perigo. Mar agitado pode engolir. Todos os rebentos ficam prisioneiros, enxertados nas mãos de suas mães. Brotos tenros têm que ser cuidados...

E, infinitamente, nuvens brancas passam em brancas nuvens. Esperamos. Esperamos. Esperamos. Muita paciência. Muito incômodo. Sofrimentos. Em tudo, porém, se sobressai o sonho-esperança que ilumina a treva da preocupação.

Na manhã de mil flores, ao apito de alegria, atracaremos. Deixaremos para trás o azul. Para a frente, o verde que nos dará a sobrevivência. Na terra marrom, pisaremos com reverência. Com respeito. Com delicadeza. Quando a ferirmos, será para fecundá-la. Assim, não zangada, gerará árvores que darão flores, que darão frutos.

Chegaremos na nova terra quando ela estiver vestida de *fuyú* (inverno). Inverno invejoso de *nátsu* (verão) quente e gostoso. Sempre *nátsu* no Brasil de brasa, falam por aí.

Bendito o porto firme e seguro que nos receberá! Leva o nome dos iluminados cristãos: Santos.

Lóla Prata é escritora, poeta, professora e autora do dicionário Arrimo, entre outros livros.

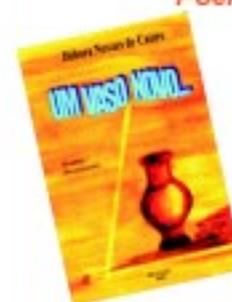
Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - CATAVENTO MOMENTOS - SINFONIA DO INFINITO COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA.

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO.

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS – ALJÔFARES – SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS –

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

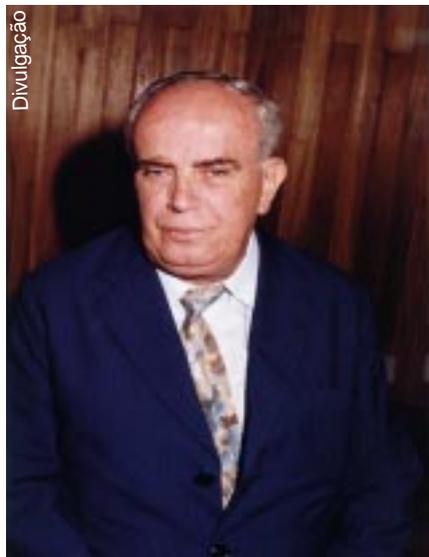


Opções de compra: via telefax (11) 5031-5463

Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo Cep 04634-040 -

E-mail: debora_nc@uol.com.br e Site: www.vipworkcultural.com.br

Notícias



Gilberto Mendonça Teles

Gilberto Mendonça Teles, escritor, poeta, professor, intelectual e crítico literário, foi homenageado pela Université Charles de Gaule, de Lille, França. O autor de *Eu e os Corroiras*, eleito *Intelectual do Ano de 2002 - Troféu Juca Pato*, pela União Brasileira de Escritores, é doutor em Lingüística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Professor Pleno Emérito da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

José Luiz Bittencourt, escritor, político, professor, advogado e jornalista sergipano radicado em Goiás que faleceu em Goiânia no dia 27 de setembro de 2008, foi homenageado na sessão magna da Academia Goiana de Letras, no dia 20 de novembro de 2008. José Luiz Bittencourt exerceu os cargos de Secretário da Educação do município de Goiânia e de vice-governador de Goiás. O autor de *A consciência da palavra* foi catedrático da Faculdade de Direito da Universidade Católica de Goiás, Procurador Geral do Estado, cronista do *Diário da Manhã* e membro da Academia Goiana de Letras, da Associação Goiana de Imprensa, entre outras entidades.

Joanyr de Oliveira lançou *Memorial do Sobrevivente*, em dezembro, na Associação Nacional de Escritores, em Brasília.

A Academia Brasileira de Letras lançou, no dia 12 de janeiro, o *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa* em parceria com a Companhia Editora Nacional. A segunda edição, adaptada ao *Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*, reúne 33 mil verbetes, textos sobre a história da ABL, um suplemento sobre o Novo Acordo, entre outros assuntos.

O Concurso Nacional de Poesia Fernando Mendes Vianna, promovido pela ANE – Associação Nacional de Escritores e pela Editora Thesaurus, está com inscrições abertas até 31 de março de 2009. Poderão participar autores de qualquer nacionalidade, sob uso de pseudônimo. O concurso se destina a livros inéditos, com no mínimo 30 poemas, escritos em língua portuguesa. O prêmio será a publicação do livro. Informações e inscrições: ANE - SEP Sul 707/907 – Bloco F, Edifício Escritor Almeida Fischer – Brasília – DF - 70359-970. Telefones: (61) 3242-3642 e 3244-3576. E-mail: ane.df@terra.com.br.

Cantares da Paixão, poemas de Rubens Jardim, livro com apresentação de Afonso Romano de Sant'Anna e prefácio de Cláudio Willer, foi lançado pela Editora Arte Paubrasil.

Louis Braille, inventor da escrita para deficientes visuais - o braille, será homenageado pelos 200 anos do seu nascimento pela Federação Alemã de Cegos e Deficientes Visuais, que realizará mais de 200 recitais em braille no ano de 2009. Apresentará uma festa na Embaixada Francesa em Berlim e um festival, no final de agosto, em Hannover. Louis Braille nasceu em Coupvray, França, a 4 de Janeiro de 1809 e faleceu em Paris a 6 de Janeiro de 1852.

A Casa de Cultura PraSaber está promovendo cursos de atualização gramatical da Língua Portuguesa com as normas do *Novo Acordo Ortográfico*. Informações através do telefone (11) 3062-9970 ou no site www.prasaber.com.

O Dia Nacional da Leitura e a Semana Nacional da Leitura e da Literatura foram instituídos através da LEI Nº 11.899, DE 8 DE JANEIRO DE 2009, que foi assinada pelo presidente da República Luís Inácio Lula da Silva. O Dia Nacional da Leitura será comemorado no dia 12 de outubro. A Semana Nacional da Leitura e da Literatura recairá na mesma semana do Dia Nacional da Leitura.

O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa - Volp será lançado pela Global Editora no início de fevereiro. A 5ª edição apresentará cerca de 370 mil verbetes atualizados em consonância com o *Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa no Brasil*. O *Volp* sempre foi elaborado e comercializado pela Academia Brasileira de Letras. A nova edição, que continuará tendo a chancela da Academia, sob a supervisão do acadêmico Evanildo Bechara - responsável na ABL pelo setor de lexicografia e lexicologia, será distribuída pela Global Editora.

A Escola do Escritor promove cursos de férias sobre o *Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*, ministrado por Ana Cristina Mendes Perfetti, no dia 26 de janeiro; e *As Questões Práticas do Direito Autoral e Lei do Livro*, ministrado por Maria Esther Mendes Perfetti e João Scortecci, no dia 3 de fevereiro. Informações e inscrições através do telefone (11) 3034-2981 ou no site www.escoladoescritor.com.br.

Harold Pinter, laureado com o *Prêmio Nobel de Literatura* em 2005, faleceu no dia no dia 24 de dezembro, no Reino Unido.



Armando Antongini Filho

A Câmara Brasileira do Livro está com eleições marcadas para o dia 18 de fevereiro, na sede da entidade. Estão inscritas as chapas *Mudança&Participação* e *Trabalho&Seriedade*. A primeira terá Armando Antongini Filho como presidente e, a segunda, Rosely Boschini. Armando Antongini Filho, da Editora Leitura, exerceu o cargo de presidente e de diretor-executivo da Câmara Brasileira do Livro, de presidente da Associação Nacional de Livrarias e de conselheiro do Sindicato Nacional de Editores de Livros. Rosely Boschini, da Editora Gente, é a atual presidente da CBL.

Armando Antongini Filho se reuniu com amigos, assessores e jornalistas no Bar Zeppelin, no bairro Pinheiros, em São Paulo, no dia 18 de janeiro, para apresentar as diretrizes de sua campanha para concorrer à presidência da Câmara Brasileira do Livro.

A Academia Paulista de Letras elegeu nova diretoria para o biênio 2009/2010. A diretoria, que foi reeleita com 29 votos dentre os 37 votantes, é composta pelos acadêmicos: José Renato Nalini (presidente), Anna Maria Martins (secretária-geral), Antonio Penteado Mendonça (1º secretário), Ada Pellegrini Grinover (2ª secretária), Crodowaldo Pavan (1º tesoureiro), Ignácio de Loyola Brandão (2º tesoureiro). José Pastore, Ignácio de Loyola Brandão, José Cretella Júnior e Hernâni Donato comandam, respectivamente, as Comissões de Contas, Bibliografia, Lexicografia e Publicações.

A Biblioteca Nacional de Brasília, instalada em um prédio que foi projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, no Conjunto Cultural da República, será a primeira biblioteca digital do país com o objetivo de ser uma referência na oferta de serviços on line para a população.

LINGUAGEM VIVA

www.linguagemviva.com.br

Consulte nossa tabela de preços

Linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tel.: (11) 2693-0392 - 7358-6255